

Número da fita: 0139

Título: Oficina Memória, História e Patrimônio do Projeto Pontão de Cultura
Jongo/Caxambu. Sul-Fluminense IV

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00: 01	06:00	Mostra os participantes fazendo as entrevistas e também a paisagem do local de realização da oficina.				

06.44	18.33	Idem.	<p>Apresentação da oficina realizada com a Eva. A entrevistadora fala que saiu um pouco do roteiro, mas que no final deu pra encaixar a questão proposta com o que foi feito. Fala que a mãe da Eva, tia Tê, teve uma participação muito importante na comunidade, além dela tem o tio Juquinha que ainda é vivo. Tem uma discussão entre a entrevistadora e a entrevistada sobre a questão do retorno financeiro nas apresentações de jongo. Além disso falam da continuidade do jongo, da tradição familiar e também que o registro do jongo como patrimônio ainda está</p>			
-------	-------	-------	---	--	--	--

		Idem.	Ainda está muito distante da comunidade como um todo.			
18.33	32.50	Idem.	A entrevista foi a Mariza da Serrinha. A entrevistadora relata que Mariza falou que o jongo veio da África e que ela sabe disso através de pesquisas que são realizadas mas que ainda é preciso mais estudo sobre o tema. A atual referência da comunidade é tia Maria. A questão das apresentações também é tocada e que o mestre Darcy lutou muito para isso, mas que ainda enfrentam muitas dificuldades. Mariza aprendeu o jongo convivendo com as pessoas na Escola de Jongo.			

32.50	40.23	Idem.	As entrevistas realizadas foram com pessoas de Mambucaba e Bracuí. Falam que o jongo é uma tradição familiar e que o registro abriu muitas portas.			
-------	-------	-------	--	--	--	--

40.23	48.17	Idem.	<p>A entrevista foi realizada com Ana Cláudia. Na entrevista Ana Cláudia fala que o jongo é do tempo da escravidão e que está relacionado, na sua comunidade, com as fazendas de café, fazenda do Breves. Durante um tempo criança não podia dançar o jongo. Durante um tempo o jongo era chamado de batuque e que era proibido, isso não só o jongo, mas também outras manifestações culturais de origem africana. Fala também que sempre tem um ponto de referência para abrir a roda é uma forma de pedir licença para os antepassados. Por fim, fala que o registro do jongo.</p>			
-------	-------	-------	---	--	--	--

		Idem.	do jongo abriu muitas portas, as pessoas passaram a respeitar mais a roda de jongo.			
48.57	58.54	Idem.	Luciana (UFF) pergunta o que os participantes aprenderam ao realizar uma entrevista. Angélica fala que foi marcante que todos aprenderam com seus familiares, a importância dos mais velhos na transmissão dos conhecimentos. Discussão sobre o preconceito ao jongo. Uma participante fala que em Mambucaba os pontos são explicados para os jongueiros..			

58.54	61.00	Idem.	Luciana (UFF) fala que a história do jongo não está nos livros didáticos, que os pesquisadores agora vão até as pessoas que vivenciam essa prática no seu dia-a-dia; Martha fala que apesar de serem locais diferentes as histórias das comunidades são muito semelhantes.			
-------	-------	-------	--	--	--	--

Legenda dos temas:

Jongo – JO

Calango – CA

Folia de Reis – FR

Memória do tráfico – MT

Memória da África – MA

Campesinato Negro – CN

Quilombo – QL

Memória da escravidão – ME

Fazendas – FA